



doi: 10.20396/rfe.v13i1.8662003

## Arte, Cultura, Educação, COVID-19 & o Pensamento Descolonial Crítico *Biogeográfico* Fronteiriço: por uma *Pedagogia/Filosofia da Libertação* de corpos, almas e fazeres culturais<sup>1</sup>

Arte, Cultura, Educación, COVID-19 y Pensamiento  
Descolonial Crítico *Biogeográfico* Fronterizo: por una  
Pedagogía/Filosofía de la Liberación de cuerpos, almas y  
actividades culturales

Marcos Antônio Bessa-Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo

A proposta deste ensaio recai em discutir criticamente, por meio do pensamento decolonial *biogeográfico* fronteiriço, a Arte, a Cultura, a Educação e a pandemia do COVID-19 a fim de evidenciar perspectivas *outras* de pedagogias e filosofias que promovam a libertação de corpos, almas e das diferenças coloniais exteriorizados pelas lógicas da razão moderna a partir do séc. XVI (cartesiana, ontológica, da fenomenologia e marxista) e/ou pós-moderna séc. XIX (capitalista) que imperam ainda como únicas formas de sobrevivência no Ocidente. A ideia é evidenciar que culturas fronteiriças também produzem arte, cultura e conhecimentos por meio de “pedagogias” e “filosofias” da diferença sendo *anthropos*.

**Palavra-chave:** Educação. Filosofia. Descolonialidade.

### Resumen

El propósito de este ensayo es discutir críticamente, a través del pensamiento decolonial *biogeográfico* de frontera, el Arte, la Cultura, la Educación y la pandemia de COVID-19 con el fin de resaltar otras perspectivas de pedagogías

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de um projeto desenvolvido ao longo do ano de 2020 após o decreto de pandemia e o meu isolamento a partir do dia 16 de março (profissional – docente, de pesquisador e artístico – e social do convívio de amigos, familiares e de pessoas diletas) completados agora um ano. O projeto rendeu como uma espécie de desabafo e lamentação pelas mais de 280 mil vidas perdidas de brasileiros e brasileiras a escrita de vários artigos, três livros, algumas *lives* e apresentações de trabalhos em congressos *online* e algumas obras artísticas ainda em fase de finalização que discutem arte, cultura, produção de conhecimentos, educação, filosofia, tecnocolonialidade e a covid-19. Igualmente, este trabalho e os demais fazem parte do Projeto de Pós-doutorado concluído em Março de 2021 realizado na FAALC-UFMS sob a supervisão do Prof. Dr. Edgar César Nolasco cadastrado na PROPPI (UEMS).

<sup>2</sup> Professor do Curso de Artes Cênicas e do Programa de Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Doutor em Artes Visuais pelo IA-Unicamp.

y filosofías que promueven la liberación de cuerpos, almas y de las diferencias coloniales exteriorizados por la lógica de la razón moderna del siglo XVI (cartesiano, ontológico, fenomenológico y marxista) y/o posmoderno XIX (capitalista) que aún prevalecen como las únicas formas de supervivencia en Occidente. La idea es mostrar que las culturas fronterizas también producen arte, cultura y conocimiento a través de “pedagogías” y “filosofías” de la diferencia siendo *anthropos*.

**Palabra clave:** Educación. Filosofía. Decolonialidad.

### Introdução - porque o outro é o si mesmo!

“O rosto do homem se revela como outro quando se apresenta em nosso sistema de instrumentos como exterior, como alguém, como uma liberdade que interpela, que provoca, que aparece como aquele que resiste à totalização instrumental. Não é algo; é alguém.” (DUSSEL, 1982, p. 47).

A situação de pandemia mundo afora tem duas perspectivas básicas: uma, pela ótica daqueles que não acreditam na doença causada pelo COVID-19. Na outra compreensão da situação pandêmica estariam inscritos aqueles que reconhecem o perigo de morte causado pela doença. Uma vez que vários se resguardam e muitos outros sequer pensam em proteger a si ou aos próximos. No entanto, essas duas percepções básicas da situação de pandemia têm, muito certamente, outras duas opções de tratamento, contenção e permissividade, de proliferação ou não da doença nos lugares que estão circunstanciados pelas administrações públicas desses. Estas, no caso do mundo também, se apoiam em governança e desgovernada dos/nos países.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Mais duas interpretações são possíveis da ideia de situação da pandemia nos lugares em contextos ocidentais: uma está para a presença em si da pandemia como resultado “natural” de um vírus que infecta pessoas em diferentes lugares. Já a outra, que vai me interessar mais e que talvez esteja mais presente nas discussões, é o fato da Ação de pandemia extrapolar por meio das diferentes questões que dão suporte para a sua proliferação ou não nos lugares diferentes como se fosse natural. Quer dizer, se por um lado a situação é quase natural tendo em vista vários sistemas de homogeneização/universalização, por exemplo, das pessoas que viajam com muito mais frequência e facilidade para diferentes e múltiplos lugares. Por outro lado, a Ação da

Mas, em meio a tudo isso, no caso do Brasil, por exemplo, essa situação e ação como perspectivas de pandemia têm, desde o início, quando se reconheceu casos no país, uma visão administrativa que se divide nas esferas Municipal e Estadual (trabalhando duro), de um lado, e o Governo Federal do outro que puxa, por mais contraditório que seja, os números de casos de mortos e de acometidos pela doença do COVID-19 para cima. Desde o dia 17 de março de 2020 que figura no cenário brasileiro uma batalha desses entre ficar ou não dentro de nossas casas, a fim de evitar a contaminação e até a morte, resultando nos enormes números alcançados hoje (mais de 280 mil vidas perdidas). Vou tomar como referência essa data de início de tudo, pois é a partir desta que estamos circunstanciados ao isolamento social até hoje por causa da pandemia: nós, sujeitos da Arte e da Educação, por exemplo, mas, claro, vários outros seguimentos sociais, políticos, culturais e econômicos também, mais ou menos isolados como podem. Especialmente nas esferas públicas, Municipais, Estaduais e Federal (políticas, econômicas e sociais), a disputa por vidas X economias é manchete diária.

É evidente, portanto, que essa disputa de perspectivas e lados opostos em relação a ficar em casa ou sair para as ruas, ao se falar de Arte, de Cultura e Educação, têm, de certo modo, um sentido político que as políticas públicas de arte, de cultura e de educação no Brasil não conseguiram, até o presente momento, contemplar. Ressalto isso considerando que faltam estruturas para acesso às tecnologias; aparelhos tecnológicos que podem ser acessados por estudantes e professores; faltam professores e estudantes que dominam os acessos às tecnologias quando as duas estruturas anteriores existem; e, no caso do Brasil, mormente, falta ainda a própria tecnologia no

---

pandemia, nestas discussões, também vai ser interpretada por meio de questões de ordens políticas, sociais e culturais, bem como econômicas que levam a elevação e naturalização das ações de contaminação e mortes, por exemplo, graças às desações de governos (“(des)políticas” (BESSA-OLIVEIRA, 2020)) em relação à doença. Neste caso, portanto, são ambas as interpretações, de certo modo, evidentes e que geram reflexos nos contextos de Arte, Cultura, Educação e da própria COVID-19, bem como nas ideias de pedagogias e filosofias, e ainda em outros saberes, que libertam ou aprisionam corpos, almas e fazeres culturais nos diferentes lugares, especialmente no contexto da contemporaneidade, estando esses inseridos ou não aos projetos de modernização e de globalização europeu e estadunidense, respectivamente, que carecem de leituras epistêmicas *outras* como a aqui proposta.

sentido restrito aos aparatos eletrônicos/midiáticos. É sabido que cerca de 70% de brasileiros e brasileiras, se não mais, sequer têm contato com o chamado meio real de acesso à Arte, a Cultura e a Educação por meio das tecnologias: imaginemos, pois, esses e essas terem acessos ao chamado ambiente virtual/midiático/tecnológico que demanda todas as estruturas aqui listadas antes e outras que me escapam agora para terem acesso à Educação?!

Antes de parecer que estou propondo pensar em binarismos por meio das minhas argumentações, preciso oferecer-lhes um brevíssimo panorama das ideias contraditórias acerca da pandemia que tento colocar aqui para pensar em outros pontos fundamentais acerca de colonialidades pedagógicas e filosóficas na Educação. A pandemia tem de um lado uma impressão que beira a loucura, já que prioriza interpretações equivocadas acerca da origem do vírus, do próprio vírus e da doença causada pelo vírus, igualmente dos seus supostos óbvios resultados em todos os lugares do planeta que nenhum estudo científico, por mais de senso comum que fosse, tenha confirmado:

De um lado, o Governo Federal contrariando as determinações da OMS – Organização Mundial da Saúde – que prevenia, entre outras coisas, o isolamento como única alternativa primeva de contenção da doença pela COVID-19. Tratando, inclusive, o vírus de comunista (cf. ARAÚJO, 2020) ou categorizando-o de ‘gripezinha’ ou de um ‘resfriadinho’ (cf. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2020, on-line), ou ainda porque apenas seriam acometidos pela doença aqueles e aquelas que não tivessem a forma física com *histórico de atleta*. (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 43).

Entretanto, existem também, grassados nas desgraças de muitos corpos mortos e de muitos que também se salvaram, perspectivas de diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais brasileiros que reconhecem a improcedência e resultados casualistas claros do vírus; esses se preocuparam em mapear a estrutura do vírus bem como as suas possíveis reações e ações às pessoas acometidas; vários foram os que lutaram contra as interpretações equivocadas das primeiras, medianas e até hoje impressões provocadas pelo vírus. Do mesmo modo, uma ciência séria e empenhada em tratar das pessoas que ainda correm o risco de serem contaminadas, mortas e numeradas trabalha, nos mais diferentes lugares, a fim de responder às perguntas ainda insolúveis em relação ao novo coronavírus que não tem uma vacina que dá imunidade da sua doença.<sup>4</sup>

Contrariando esta postura homicida, governadores e prefeitos e até os vários dirigentes institucionais [da Educação], acercados por leis que lhes dão os direitos de decisão e da tomada de decisões – ‘[...] graças ao STF – Supremo Tribunal Federal, em 15 de abril do corrente ano, [n]uma decisão favorável ‘que garante autonomia a prefeitos e governadores determinarem medidas para o enfrentamento ao coronavírus’ (AGÊNCIA SENADO, 2020, on-line)’ (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 5) –, agiram e, na medida do possível, vêm agindo, também, contra a ‘pandemia’ catastrófica maior, o neoliberalismo capitalista de extrema-

---

<sup>4</sup> “Nem os corpos mortos pela pandemia da COVID-19 são números, prova disso é o trabalho artístico do site “*INUMERÁVEIS* – Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil” (2020, on-line) – que faz a sua poética com narrativas sobre e das vidas mortas nominando-as sem ser um túmulo funerário virtual –, menos ainda poderão continuar esquecidos os corpos vivos na pandemia e no logo após pandemia. Esses corpos, vivos ou mortos, certamente deixarão de ser meros *fenômenos* ou *manifestações* para tornarem-se *presenças epifenomênicas* [(DUSSEL, 1982, p. 64)] que deixam *pegadas ou rastros dos ausentes* [(DUSSEL, 1982, p. 64)] nas vidas daqueles que os perderam, mas, de modo claro, ficarão também na memória dos que deveriam tê-los protegido.” (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 58-59).

direita que assombra igualmente o Brasil. (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 43-44).<sup>5</sup>

Esse cenário se desenhou no Brasil causado, claramente, por questões de ordens de (des)políticas e políticas, economias e vidas que “contaminaram” diferentes setores outros do País: a exemplo da Arte, da Educação, da Cultura, mas também das coisas que afetam aos corpos, às almas e claramente também aos diferentes fazeres culturais brasileiros que, de certo modo, envolvem tudo e a todos que estejam situados no plano geográfico brasileiro.<sup>6</sup>

Neste caso, vou tentar me concentrar ao que proponho: pensar na arte, na cultura, na educação e na COVID-19 por meio do pensamento descolonial crítico *biogeográfico* fronteiriço, o que já não é pouca coisa, para promover uma reflexão – ainda que sem esgotar as questões suscitadas – que vislumbre à ideia de que culturas fronteiriças (marginalizadas primeiro pelos projetos e pensamentos coloniais moderno e pós-moderno (séc. XVI e XX, respectivamente), mas que continuam subjulgadas pelas colonialidades que são vertentes contemporâneas desses (grassados nas perspectivas políticas neoliberalistas ou de extrema-direita ultraconservadoras)) também produzem arte, cultura e conhecimentos por meio de “pedagogias” e “filosofias” da diferença sendo e tendo corpos e almas *anthropos* que contradizem às epistemes cartesiana, ontológica, da fenomenologia e marxista e a lógica capitalista de sobrevivência no contexto ocidental exatamente porque ocupam os lugares da exterioridade fronteiriça.

---

<sup>5</sup> Muito tenebroso disso tudo ainda é o fato de que após um ano de pandemia no Brasil matando brasileiros e brasileiras por diferentes reações causadas pela presença insistente e resistente do vírus, Altos membros do Governo Federal igual, equivocadamente, interpretam a decisão do STF como uma retirada de obrigações sociais, políticas e econômicas do Governo Federal atribuindo-as aos governantes Municipais e Estaduais.

<sup>6</sup> Não estranhamente temos lido nos últimos dias notícias internacionais que relatam a figuração do Brasil no lugar de líder dos piores *rankings* em relação à manutenção e proliferação para o mundo, ainda, da COVID-19 por falta de assistência médico-técnica do Governo Federal. Mas, também assustadoramente, ninguém interveio para depor este mesmo desGoverno brasileiro até agora. As sociedades médica e jurídica parecem, inexplicavelmente, acreditar na redenção aos brasileiros e brasileiras do desgovernante Jair Bolsonaro.

A teoria do pensamento da fronteira surgiu da e como resposta à violência (fronteiras) da epistemologia imperial/territorial e à retórica da modernidade (e globalização) da salvação que continua a ser implementada hoje porque se assume a inferioridade do Outro ou suas más intenções e, portanto, a opressão, exploração e destruição da diferença continuam a ser justificados. Pensar desde a fronteira é a epistemologia da exterioridade, ou seja, do exterior criado a partir de dentro e como tal é sempre um projeto descolonial. (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 2, tradução livre minha).<sup>7</sup>

Neste caso, portanto, ser, sentir e saber *do/a partir e com o* pensamento descolonizado como episteme é condição fundamental desta articulação porque esta é uma produção de conhecimento e subjetividades *outros*. Pois, de modo análogo, contempla exatamente àqueles que não foram reconhecidos como culturas produtoras de arte e de conhecimentos, por meios de seus corpos e almas que habitam (empurrados) as fronteiras da modernidade, da pós-modernidade e do capitalismo contemporâneo. Logo, são corpos que articularam e articulam filosofias que emergiram das condições ameríndias e africanas, por exemplo, mas também de gêneros, raças, classes, fés e línguas *outros* que o pensar cartesiano, ontológico, da fenomenologia e marxista modernos e a lógica capitalista pós-moderna e ainda neoliberal e de extrema-direita ultraconservadora contemporâneos sequer reconhecem e reconhecerão.

---

<sup>7</sup> “La teoría del pensamiento desde el borde emergió desde y como una respuesta a la violencia (fronteras) de la epistemología imperial/territorial y de la retórica de la modernidad (y globalización) de salvación que continúa siendo implementada hoy porque se asume la inferioridad del Otro o sus maléficas intenciones y, por tanto, se continua justificando la opresión, la explotación y la destrucción de la diferencia. El pensamiento desde el borde es la epistemología de la exterioridad, esto es, del afuera creado desde adentro y como tal es siempre un proyecto des colonial.” (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 2).

Aqueles, por suas vezes, como pensamentos filosóficos das exterioridades fronteiriças desses pensamentos homogeneizadores, praticaram e praticam, na contramodernidade, contrapôs-modernidade e contra a corrente contemporânea que insiste na manutenção/renovação daqueles, pedagogias *outras* que lutam para a libertação dos corpos e das almas de indivíduos que foram taxados como outros pelas *humanitas* que continuam reforçando a arte, a cultura e a produção de conhecimentos (Educação) pelas visões exclusivistas da modernidade, da pós-modernidade e da contemporaneidade ontológicas de *ser e tempo*, por exemplo, que também reconhecem o *outro* como manutenção do que era e é o *mesmo*.

Aqui abordamos a categoria mais importante, enquanto tal, da filosofia da libertação, em minha interpretação. Somente agora se poderá contar com o instrumental interpretativo suficiente para começar um discurso filosófico a partir da periferia, a partir dos oprimidos. Até este momento, o nosso discurso foi como que um resumo do já sabido. A partir de agora começa um novo discurso, que quando for implantado em seu nível político correspondente e com as mediações necessárias, que faltam nos filósofos do centro que usam estas mesmas categorias, poderemos, agora sim, dizer que é um novo discurso na história da filosofia mundial. Isso não se deve à nossa pouca ou muita inteligência; deve-se simplesmente ao fato de que, quando nos voltamos para a realidade, como exterioridade, pelo simples fato de ser uma *realidade histórica nova*, a filosofia que dela se desprende, se é autêntica, não poderá deixar de ser igualmente *nova*. É a novidade dos nossos povos o que se deve refletir como novidade filosófica, e não ao contrário. (DUSSEL, 1982, p. 45).

“Aprender a desaprender a reaprender de outra maneira é o que a filosofia de Amawtay Wasi nos ensinou” (MIGNOLO, 2014, p. 7, tradução livre minha)<sup>8</sup> para desenvolver o pensar e ser, sentir e saber para fazer, portanto, descolonialmente que nos desprende/despreende das epistemologias, igualmente das filosofias e pedagogias modernas, pós-modernas e contemporâneas que priorizam o “querer ter” para sobreviver no Ocidente. Desaprender para aprender a reaprender também que nos levam a perceber formas outras de produção de arte, de culturas e conhecimentos, em contextos escolares, por exemplo, por meio de corpos e almas outros que continuam sendo vilipendiados nas escolas e universidades pelos projetos de homogeneização/higienização/globalização/universalização dos mundos diferentes no Ocidente.

Isso nos desafia e nos põe disponíveis para nos abirmos a um diálogo comunitário no qual a construção do conhecimento pode alcançar proporções coletivas, atualizando o pensamento gerado no local para colocá-lo em diálogo com os outros e, em particular, dando *re-existência* à trama tecida pela memória social e produção intelectual em cada local de produção. Esse caminho favorece a promulgação do pensamento freireano porque é na medida em que nos descobrimos ‘alojando’ dentro de nós o opressor é que podemos contribuir para a construção de uma pedagogia libertadora, isto é, descolonial. (PALERMO, 2014, p. 16, tradução livre minha).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> “Aprender a desaprender para re-aprender de otra manera, es lo que nos enseñó la filosofía de Amawtay Wasi.” (MIGNOLO, 2014, p. 7).

<sup>9</sup> “Esto nos interpela y nos pone en disponibilidad para abrimos a una interlocución comunitaria en la que la construcción del saber puede alcanzar proporciones colectivas actualizando el pensamiento generado en el propio lugar para ponerlo en diálogo con otros y, en particular, dando *re-existencia* a la trama tejida por la memoria social y la producción intelectual en cada lugar de producción. Este camino favorece la puesta en acto del pensamiento freyreano pues es en la medida en que nos descubramos “alojando” dentro de

A partir dessas afirmativas que foram apresentadas, a ideia que se torna necessária, por meio de articulação entre corpos/almas, artes/culturas e conhecimentos das diferenças coloniais (que habitam esses lugares das exterioridades das culturas, filosofias e pedagogias modernas e pós-modernas, igualmente contemporâneas que priorizam a opressão em detrimento à libertação), é pensá-las a partir e com os corpos inscritos nessas exterioridades/fronteiras porque desses emergirão “pedagogias” e “filosofias” da diferença enquanto sujeitos *anthropos* reconhecidos como a *realidade histórica nova* de quem habita esses corpos, almas e lugares que produzem arte, cultura e conhecimentos *outros*.

Nesse sentido, portanto, estarão inscritos os corpos de sujeitos que não aprendem porque sempre foram postos em oposição aos que dominam o conhecimento; as culturas que nunca foram reconhecidas como tais serão aquelas que apresentam a possibilidade de convivialidade entre as diferenças exatamente porque ocupam a situação de ser diferente. Logo, os saberes serão formulados por meio de “filosofias” e/ou “pedagogias” que promovam a libertação das amarras que sempre fizeram prender àqueles que em nenhuma situação foram considerados para além de corpo-objeto pela *humanitas*, quando na verdade são corpos-concretos por serem *anthropos* e porque produzem sabendo o que é ser, sentir e saber para fazer sabendo. “Por quê? Porque a epistemologia fronteira é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la.” (MIGNOLO, 2017, p. 16). E o *anthropos* é aquele indivíduo que não quer continuar sendo morto pela falta de “corpo-políticas” (MIGNOLO, 2017) das ações políticas que devem de fato priorizar corpos descartados porque as políticas contemporâneas de corpos, almas e das práticas culturais de arte, das culturas que produzem conhecimentos priorizam as economias em detrimentos às vidas mesmo em estado de pandemia. Se antes do estado atual de pandemia os corpos não-europeus ou não-estadunidenses não tinham valores aproximados desses,

---

nosotros al opresor es que podremos contribuir a la construcción de una pedagogía liberadora, es decir, decolonial.” (PALERMO, 2014, p. 16).

hoje, podemos afirmar, o número crescente de mortes pela doença do novo coronavírus mostra que os corpos das exterioridades são dispensáveis, sem ser necessários literalmente en-cobri-los ou enterrá-los.

Desobedecendo a lógica obediente da razão (filosófica/pedagógica) moderna

No caso da classe que me interessa mais agora, artistas, professores e pesquisadores das Artes, que estará inscrita na ideia de pensá-los como um sujeito ‘Artista, professor, pesquisador’ (BESSA-OLIVEIRA, 2018), quero tratar dos processos artísticos criativos desse indivíduo triádico inseparável a fim de evidenciar que nem só de CADÁVER estamos tendo uma produção artística em tempos de COVID-19. (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 25).

A produção artístico-cultural dos lugares que estão situados geograficamente fora dos territórios dos centros europeus, (radicado nos países: França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e até, a hoje “irmã” pobre desses, Portugal), ou dos Estados Unidos da América, esses últimos que se fortaleceram como a maior potência mundial graças a sua lógica capitalista, sempre fora rubricada por objetos abstratos passíveis de análises e/ou produções exóticas em relação às produções daqueles países. O mito da universalização da arte, por exemplo, por meio da continuidade estilística (movimentos artísticos) ressaltada por artistas europeus e estadunidenses quando do contato com povos das diferenças, fez dessas produções da exterioridade ilustração da supremacia artística (técnica) dos países que ocupam lugar central na suposta História da Arte Mundial.

As práticas pedagógicas, metodologias, teorias e didáticas, por conseguinte a Educação, não tiveram história e trajetórias diferentes quando pensamos nessa relação países do exterior (interioridades daqueles) e a

internalidade brasileira (exterioridades nossas) em relação ao Ensino de Arte. Primeiro, desde 1500, a escola de Arte que aporta no Brasil vem com os Jesuítas que educam/catequizam aos indígenas com produções que estivessem acercadas da corporeidade do Salvador cristão por eles edificado desde o século VIII, mas mais precisamente a partir do “[...] ano 1 – nascimento do Cristo Salvador (TARSIA, 1995) – [em que] tudo que antecede é situado em histórias que hoje, na contemporaneidade, ainda são bases para a História que conhecemos do Continente Europeu.” (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 63). Em seguida, mediados pela Corte Imperial Portuguesa que por aqui se aporta fugida de Napoleão, indígenas e negros africanos foram conduzidos por pedagogias, metodologias, teorias e didáticas, igualmente por natural Educação de arte, cultura e de produção de conhecimentos que vão situa-los à força aos moldes europeus desde as ideias Pombalinas até a “visita” das Missões Francesas de artistas diversos. (BESSA-OLIVEIRA, 2010).

Não diferente, ainda sobre essa situação e ação das imposições migradas do exterior ao Ensino de Arte no Brasil colônia, “pós-colônia” e supostamente descolonizado, a constituição de Escolas de Arte – universitárias e Escolas Livres – levam o País à fabricação de artistas e professores, bem como de críticos com referências múltiplas, mas todas ainda, quase sempre, vindas de fora. Até a imposição da Ditadura Militar brasileira e também neste período o próprio Ensino de Arte brasileiro é pautado por uma ideia tecnicista que vislumbra atribuir à Arte o papel funcional que até hoje a Educação está sendo conduzida a desenvolver: formar mão de obra disponível para o mercado de trabalho. Por conseguinte, a partir dos anos de 1980 o Ensino de Arte enquanto epistemologia, moldado prioritariamente pela Arte-Educação, com bases ainda migradas (na verdade trazidas de fora) e internalizadas nos contextos escolares e universitários brasileiros, dá o tom até hoje presente nesses espaços institucionais, ou não, do Ensino, Pesquisa, Pedagogia, Filosofia, entre

outros, de se pensar a Arte: historiográfico com referências euro-estadunidense.<sup>10</sup>

O mesmo também é possível de ser argumentado, como vim mostrando na parte introdutória destas reflexões, em relação aos corpos e almas dos indivíduos que nasceram nessas geografias outras. O projeto de cristianização do Ocidente que deu ancoragem ao projeto de homogeneização dos corpos pagãos, por meio do controle das almas desses indivíduos, acabou por subsidiar a crença de que é o corpo quem deve pagar por todos os pecados cometidos em plano terreno que não estivesse *sub judice* da colonialidade salvadora do pensamento moderno europeu e agora sob a extrema-direita ultraconservadora que defende “[...] ‘Deus acima de todos’ para conseguir ocupar o lugar hoje por ele [o atual presidente da República] (des)ocupado.” (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 36). É certo, nesse sentido, que toda essa referência tem bases sólidas também nos Estados Unidos que têm até então maioria conservadora no poder.<sup>11</sup>

Entretanto, o mesmo não é possível ser dito em relação às fés, línguas e aos diferentes gêneros não-heteronormativos que nasceram, cresceram e vivem em terras que foram e ainda o são “en-cobertas” (DUSSEL, 1993) pelas ideias de descobrimento e de globalização como “propostas” de salvação dos bárbaros que viviam e vivem sob as definições do Diabo. Neste caso, portanto, as fés de matrizes indígenas e africanas, os dialetos falados em terras brasileiras, quando das chegadas dos povos “descobridores” e dos migrantes neocolonizadores que vieram para lotear comercialmente as Américas (Latina), e os corpos que não respeitaram aos padrões de ter que ser homem ou mulher para sobreviver acabaram por ser soterrados nas mesmas terras que os amparavam e amparam as suas vidas (descartáveis) inteiras. Milhares de corpos foram mortos – e com a pandemia do COVID-19 parece que a lógica continua sendo permitida –

---

<sup>10</sup> Sobre um detalhamento melhor dessa situação histórica do Ensino de Arte no Brasil, sugiro a leitura do livro (BESSA-OLIVEIRA, 2010) *Ensino de Arte X Estudos Culturais: para além dos muros da escola*, mais especialmente o subtítulo: “O ensino de Artes no Brasil: um breve histórico”.

<sup>11</sup> Esta última afirmativa leva em consideração a ainda, até o fim do ano de 2020, subjugação do Estado Norte-americano aos descabidos mandos e desmandos de Donald Trump.

amontoados, mortos e numerados, não necessariamente nesta mesma ordem, para fortalecimento de um padrão de fé, língua, gênero, raça e classe e, pior, autorizados por políticas que sequer acreditam até mesmo na ciência.

Mas, pior ainda dessa situação e que sequer pode ser imaginado que houve ou que tenha representatividade em contextos entre-centros, e que em muitos casos não têm respaldos até mesmo em seus próprios contextos das exterioridades/fronteiriças, são as posições ocupadas pelas produções de conhecimentos desses povos, corpos, almas e subjetividades que foram alijados a toda e qualquer exclusão da interioridade aos territórios geográficos e dos projetos de pensamentos epistemológicos de mundos europeu ou estadunidense. Os conhecimentos produzidos/produções dos povos que por aqui se encontravam ou que para cá foram trazidos por meio do uso de forças nos porões de navios feitos galinhas enjauladas, nem mesmo minimamente foram referendados como conhecimentos que deveriam ser investigados ou ter investigadas suas origens epistemológicas, filosóficas e/ou pedagógicas, mas mais ainda científicas. Tudo sobre todos que aqui viviam ou dos que foram trazidos para as Américas foi descartado como se fosse poeira ou ainda é desacreditado sob o rótulo de senso comum para não demonstrar concorrência à obediência da ciência produzida pela *sapiência* europeia e/ou pela tecnologia estadunidense.

Portanto, nesses sentidos colocados, a lógica de não reconhecer as pedagogias e as filosofias de povos ameríndios, africanos, de corpos de gêneros nao-binários e/ou de qualquer outra classificação de “outro” imposta pelos “mesmos” (europeus e estadunidenses) foi uma questão de bem pouco tempo, de composição de corpos exteriores às interioridades daqueles e que se deu com muita facilidade.<sup>12</sup> Para a construção primeira da

---

<sup>12</sup> É bom que se diga aqui que faço uso das nomenclaturas disciplinares modernas filosofia e pedagogia exatamente por falta de opção melhor para fazer com que a leitura dessa articulação *outra*, sobre produção de conhecimentos e mediação de saberes (filosofar e pedagogizar, respectivamente), seja alcançada. Pois, à medida que desvinculamos a própria lógica dos e das humanas de pensar contemporâneo da lógica racional da razão moderno-disciplinar – de que Filosofia e Pedagogia são disciplinas consolidadas como campos dos saberes científicos (evidentemente que estou considerando a racionalidade moderna continuada na contemporaneidade para definição do que é produção de conhecimento e transmissão de saberes) – acabamos por desvincular saberes/conhecimentos outros de filosofia e, igualmente, distanciamos diálogos e “experivências” (BESSA-

exteriorização do corpo das diferenças foi tornar evidente e necessário o padrão de corpo que se tornou o mesmo: do século VIII em diante no caso do padrão de corpos europeus, mais tarde, com o advento da globalidade, o modelo de corpo estadunidense vinculado/preparado do corpo sempre disponível para o trabalho e/ou para o prazer carnal do outro (que é o mesmo). Isso se deu e dá-se por meio das articulações cristão-filosóficas, mas que tiveram continuadas suas crenças pelos filósofos europeus que se convergiam àquela, e que hoje são continuadas por filósofos e professores, vinculados às doutrinas modernas e pós-modernas e também contemporâneas que desejam a ramificação daqueles padrões, ainda que esses não sejam pertencentes à temporalidade da filosofia/pedagogia cristã-católica, porque divinizam um modelo de corpo e de conhecimentos cristão-capitalista-servente-disponível-cientificista que devem ser julgados para ter a alma salva ou que devem servir ao mercado de trabalho para manterem os corpos vivos.

O ano de 1492, segundo nossa tese central, é a data do ‘nascimento’ da Modernidade; embora sua gestação – como o feto – leve um tempo de crescimento intra-uterino. A modernidade originou-se nas cidades européias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas ‘nasceu’ quando a Europa pôde se confrontar com o seu ‘Outro’ e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um ‘ego’ descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi ‘descoberto’ como Outro, mas foi ‘en-coberto’ como o ‘si-mesmo’ que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do

---

OLIVEIRA, 2018), também conversas de possibilidades pedagogias outras como capacidades humanas outras (porque são *anthropos*) logicamente porque não são *humanitas*.

‘nascimento’ da Modernidade como conceito, o momento concreto da ‘origem’ de um ‘mito’ de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de ‘en-cobrimento’ do não-europeu. (DUSSEL, 1993, p. 8).

Do mesmíssimo jeito, por conseguinte, é fácil dizer, mais por aqueles que habitam as terras do en-cobrimento, *anthropos* que não se veem como sujeitos colonizados, que o propósito viral do novo coronavírus é mesmo comunista e que a doença só contaminaria aos fracos que não têm corpo, alma e que pensam socialistamente. Evidentemente, claro, esses não se veem também como sujeitos colonizados. Uma vez porque pactuam da produção de conhecimentos modernos que desprezam os demais nominados como saberes de senso comum. Vislumbram-se como partícipes da pós-modernidade que a *biopolítica* favoreceu a fim de dar continuidade à permissividade imposta pelos padrões hegemônicos. Ou ainda porque são *anthropos* que se querem *humanitas* porque pactuam com o corpo e a alma brancos, cristãos e que não devem ter, por alguma lógica irreal daqueles, genes indígenas, africanos ou mesmo de povos ameríndios existentes antes das invasões dos bárbaros que se autodenominaram (construiriam) civilizadores e modernizadores dos outros a partir de Si. Esses *anthropos* (neo-*humanitas*), por sua vez, na verdade, ocupam

Um corpo da *teopolítica* e da *egopolítica* coloniais eurocêntrica que a *biopolítica* pós-moderna ‘estadunidense’ fez questão de escamotear dando supostos direitos a esses corpos-matáveis das fronteiras como exterioridades, mas que acabam sendo mortos. (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 114).

Por conseguinte, desde sempre nossas práticas filosóficas e pedagógicas, para não dizer também que todos os demais fazeres

disciplinares, quase sempre, continuam a lógica de refortalecimento do mesmo como se fosse tudo em prol dos outros todos construídos por aqueles. Desde que somos introduzidos ao pensamento filosófico constituído ainda hoje no Ocidente, nós não tomamos como referência as construções de conhecimentos dos povos indígenas que já viviam aqui antes da chegada dos europeus e dos africanos, mas também não reconhecemos os conhecimentos trazidos pelos africanos, para continuarmos reforçando, nas mentes dos nossos, a continuidade daquele conhecimento edificado em nossas mentes de tempos que sequer fizemos parte um dia. Quer dizer: toda “nossa” base filosófica de produção de conhecimento é ainda Greco-romana que foi tornada europeia juntamente com o “alijamento” dos conhecimentos ancestrais produzidos pelos povos do hoje reconhecidos como orientais que, de modo perverso e esperto, foram tornados pelo cristianismo ou pela própria filosofia povos europeus.

Certamente, portanto, toda nossa base pedagógica é igualmente de ancoragem moderno epistêmico disciplinar. Pois, de modo claro, torna-se evidente que as Escolas e Universidades de contextos múltiplos do planeta estão subsidiadas nessas mesmas reflexões filosóficas tornadas eurocêntricas. Aprender a reproduzir para atender aos preceitos científicos modernos de produção de conhecimentos (lógica eurocêntrica que fortalece a perspectiva cartesiana-ontológica-fenomenológica de *ser* e *tempo* como raízes de todo o conhecimento do planeta), mas que mais tarde converge-se para a reprodução para atendimento ao mercado de trabalho como forma de dominação e acaba por converge-se para única alternativa de sobrevivência no contexto ocidental de mundo. Neste caso, portanto, todas as outras formas de se pensar o nascimento e a construção do mundo foram eliminadas como possibilidades outras até das lógicas da filosofia e da pedagogia. Descartaram qualquer outra forma de pensar!

Pois, permitir a existência de “um” qualquer outro (construído para ser ensinado, modernizado, educado – colonizado) que confrontaria o mesmo (dominante da qualidade de ensinar, modernizar e educar – colonizador) – reconhecer a existência de filosofias e pedagogias *outras*, no plural, por

exemplo, que não conduzem ao padrão – era e ainda o é, na lógica eurocêntrica e estadunidense, moderna, pós-moderna e contemporânea permitir a existência daquele que pode ser colocado como confronto ao mesmo (a si próprio) enquanto dominante e razão de ser da existência *humanitas*. É neste sentido, portanto, que a filosofia e a pedagogia enquanto histórias unívocas para todos e todas (corpos, almas, povos e civilizações, igualmente fés, línguas, raças, classes, gêneros e modos de construção de conhecimentos) reforçam a manutenção de mais do mesmo sem considerar e por isso desprezam a “diversalidade” (BESSA-OLIVEIRA, 2020c) de diferenças existentes em contextos ocidental e oriental. Por exemplo, quando se pensa também em contexto de pandemia,

Uma gramática outra, mas igualmente uma arte outra, um entendimento diverso, relacionado à diversalidade, das culturas, igualmente propositor para compreender que existem modos vários de construção e de produções de conhecimentos que podem con-viver juntos, inclusive com a ciência (como já ressaltou também Boaventura de Sousa Santos e Cássio Viana Hissa (2011)) para compreendermos, por exemplo, que hoje as vidas ‘passam’ pelas janelas: ‘[...] Pela janela do quarto pela janela do carro/ Pela tela, pela janela/ Quem é ela? Quem é ela?/ Eu vejo tudo enquadrado/ Remoto controle [...]’ (CALCANHOTO, 1992, f. 3), mas que também ex-passam, agigantam-se, naquele espaço outro. Pois não é mais como uma vida pas-sa-gei-ra. Pois essas várias vidas estão sendo vividas em intensidade e em constantes extremidades: de isolamento que se quer estar em convivência; produzindo arte quando, de certa forma, arte nem deveria fazer parte porque a tristeza é quem tem

lugar primevo; expondo-se, quando parece ser momento de se recolher; emergindo porque estão mais desprotegidos, por exemplo, pela falta de políticas, quando esses deveriam ser mais protegidos por políticas efetivas de Estados. (BESSA-OLIVEIRA, 2020c, p. 83).

As Artes, Culturas, a Educação, e de modo assustador também o novo coronavírus da COVID-19 & com certeza o Pensamento Descolonial Crítico *Biogeográfico Fronteiriço* aqui em articulação a tudo isso, certamente não têm re-conhecimentos das perspectivas em evidência aqui de filosofia e pedagogia (eurocêntricas e estadunidenses) a partir dos lugares da exterioridade. Pois, de modos bastante análogos, essas fazem desses partes ou exemplos de *outros* para ilustrar os mesmos. Nesse sentido, portanto, artes, culturas, a Educação e as práticas e metodologias de produção de conhecimentos, a COVID-19 e os pensamentos que emergem desses lugares das exterioridades fronteiriças, a exemplo do meu, ainda são tomados pelas escolas e universidades disciplinares (disciplinados) que obedecem aos sistemas daqueles sempre por uma abordagem pedagogia e filosófica que encarceram, cada vem mais, os corpos, as almas e os fazeres culturais de povos e civilizações exterminados e ainda dos existentes sob e única e exclusivamente pelas suas óticas.

De certa forma, pior é que não sabemos sequer como será o e um novo normal, na arte, na cultura e na produção de conhecimentos. Estaremos lidando com novos normais? A princípio, cabe apenas aceitar que definições restritivas agora serão certamente precipitadas. Até equivocadas como já o fizeram alguns. O vírus não é comunista (Slavoj Žižek) e menos ainda pode ser palanque político para qualquer um (Agamben), seja da direita

ou da esquerda ou que se posicione no centro (cf. SANTOS, 2020). Mas normal igual era com certeza que não o será. As pessoas estão literalmente produzindo, em um contexto adverso até pela calma, de um modo ou de outro, bem ou mal, sem considerar alguns critérios técnico-formais ou mesmo sem levarem em consideração prováveis critérios de julgamentos, e isso está evidente em várias situações. (BESSA-OLIVEIRA, 2020c, p. 27-28).

A pandemia tem deixado claro que a situação dos corpos que vinha sendo considerada normal já não o poderá mais ser. Igualmente, a COVID-19 está fazendo reformulações impensáveis antes na Educação, nas políticas, nas crenças, nas razões de ser, sentir e saber para fazer que o pensamento moderno não considerou e que a pós-modernidade e muitos casos na contemporaneidade tentaram descartar: corpos, almas e práticas artístico-culturais e formas outras de produções de conhecimentos que hoje subvertem das cinzas, mas sem serem fênix. Pois, esta, também da lógica tradicional de pensamento, dá continuidade às situações antes a ela colocadas. Essas condições *outras* de que falo e que estão subvertendo as lógicas moderna e pós-moderna que ainda impregnam a contemporaneidade filosófica e pedagógica – escolar e universitária – da razão universalizante e homogeneizante imperantes até agora, são, sentem e sabem para fazer *a partir e com* a condição de exterioridade/fronteiridade que lhes fora imposta.

E essa ação contrária dos corpos das diferenças aos pensamentos impositivos das igualdades, sejam filosóficos e pedagógicos, sejam contra as próprias razões ontofenomenológica e marxista, por exemplo, dá-se desobedecendo às imposições dessas as razões (coloniais/imperiais) aos outros pelos mesmos. Desobedecendo à ideia de que a filosofia nasce exclusivamente na Europa – que já sabemos que não o foi – dando-a

nascedouros e reflexões outras; literalmente impondo pedagogias que, como já ressaltado aqui também, Paulo Freire (1996) pensou no caso do Brasil, contrárias as opressões e prisões impostas às margens pelos projetos de homogeneização difundindo padrões a serem mantidos e seguidos; coverter as lógicas desobedecendo, na atualidade, igualmente, aos padrões de corpos que aprisionam àqueles que são mais gordos, muito magros, medianos, entre outros corpos das diferenças, que não são contemplados pelos mesmos padrões modernos e pós-modernos na contemporaneidade. E tais desobediências não se dão como puras desrazões que rompem as continuidades sem proposições de trajetórias outras. No caso aqui em questão, as desobediências propostas pela razão “descolonial” são *desrupturas* que iniciam com a desvinculação do projeto moderno, desviando da pós-modernidade como condição daquela, para desvincular a atualidade até mesmo da condição de contemporaneidade que estaria presa à cronologia temporal (calendária cristã) (TARSIA, 1995) que o projeto de Ocidente e Oriente do mundo implantou feito um *chip* em nossas mentes/cabeças.

O que Quijano está propondo aqui nada mais é que desobediência epistêmica. Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o *desencadeamento epistêmico* e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares.

Não seremos capazes de ultrapassar os limites do Marxismo, os limites do Freudismo e Lacanismo, os limites do Foucauldianismo; ou os limites da Escola de Frankfurt, incluindo um pensador fundamentado na história dos judeus e da língua alemã tão

esplêndido quanto Walter Benjamin. Creio que ficará claro para leitores razoáveis que afirmar a coexistência do conceito descolonial não será tomado como ‘deslegitimar as idéias críticas européias ou as idéias pós-coloniais fundamentadas em Lacan, Foucault e Derrida’. Tenho a impressão de que os intelectuais da pós-modernidade e os com tendências marxistas tomam como ofensa quando o autor mencionado acima, e outros semelhantes, não são venerados como os religiosos o fazem com os textos sagrados. *Eis exatamente por que estou argumentando aqui a favor da opção descolonial como desobediência epistêmica.* (MIGNOLO, 2008, p. 288-289, grifos do texto).

A desobediência epistêmica aqui em evidência para uma filosofia e pedagogia outras propõe também a “desrupção” (MIGNOLO, 2003) da continuidade artística, da ideia de diferença entre baixa e alta culturas e, igualmente, promove a evidência de corpos outros, outras noções de paradeiros para almas – sejam elas pecadoras ou não –, mas sem o dever de ter que punir o corpo para salvar-se. Do mesmo modo, a desrupção é a promoção da descontinuidade de manutenção do projeto moderno europeu como única forma de vidas, é a desvinculação da noção pós-moderna de inclusão de vidas desconsideradas por aquele e, certamente, vai ser, vinculado ao projeto da diferença como universal, a condição da contemporaneidade como política, educação, filosofia, ética, estética, razão e emoção (sensibilidades) no plural:

‘[...] [meu] corpo é fruto proibido/ É a chave de todo pecado e da libido/ E prum garoto introvertido como eu/ É a pura perdição [...]’ (RICARDO; SCHIAVON, 1985, f. 2) e satisfação já que provoca,

na lógica do paradigma outro, a desrupção com a manutenção da lógica de continuidade da história moderna escrita pelo europeu que sempre conta a história do mundo – as histórias locais – igualmente da perspectiva da Europa. O corpo é sempre sangrado em prol da socorrência da alma. Do mesmo modo, ‘portanto, ‘um paradigma outro’ não é um ‘paradigma de transição’, mas um ‘paradigma de desrupção’ (MIGNOLO, 2003, p. 22, tradução livre minha). E a desrupção é o resultado do paradigma outro que vislumbra a exaustão do projeto de modernidade como continuidade quando reconhece corpos antes proibidos como emergência de corpos outros que não se querem europeus modernos e nem pós-modernos estadunidenses. E, menos ainda, já que são corpos que emergem com conhecimentos a partir da fronteira como lugar da exterioridade, não se veem como contemporâneos americanos (latinos) que seguem àquelas linhagens hegemônicas continuístas (cristianismo, liberalismo e até o marxismo) desde a suposta ‘Idade da Pedra’ até hoje. (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 226-227).

Desromper, vamos dizer assim, assim como desobedecer é fazer reconhecer, impositiva ou naturalmente, as diferenças coloniais como formas outras de pensar, ser, sentir e saber para fazer arte, cultura e produzir conhecimentos, do mesmo jeito torna-se uma forma para compreender que a COVID-19 é mais insistente nos lugares em que os des-governantes insistem em descreditar a doença insistindo em ideias negacionistas e naturalizadas de salvação pela alma ao invés de preservação dos corpos. Assim, a saída estratégica é retomando o lema da Universidade Amautay Wasi antes proposto: “[...] desaprender para aprender a aprender”, o que

requer antes de tudo assumir-se como colonizad@s, desarticulando o conhecimento adquirido na ordem cumulativa e reprodutiva que se acredita ser única, válido e verdadeiro” (PALERMO, 2014, p. 16, tradução livre minha)<sup>13</sup>, seja por meio da filosofia, seja como condução pedagógica como compreendidas nas lógicas modernas, para impor/naturalmente opções outras como possíveis.

### **Considerações para libertação do corpo e da alma e dos fazeres culturais**

O que o filósofo deve saber é como de-estruir os obstáculos que impedem a revelação do outro, do povo latino-americano que é pobre, mas que não é matéria inerte, nem telúrica posição da *fysis*. A filosofia latino-americana é o pensar que sabe escutar discipularmente a palavra analética, analógica do oprimido, que sabe comprometer-se com o movimento ou com a mobilização da libertação e, no próprio caminhar, vai pensando a palavra reveladora que interpela à justiça; isto é, vai acedendo à interpretação precisa de seu significado futuro. (DUSSEL, 1986, p. 211).

As centenas de milhares de mortes no mundo todo – “Número de casos - 5 de novembro de 2020: Mundo 47.930.397 casos confirmados, 1.221.781 mortes [...]” (OPAS, 2020, *online*) – reforçam as mudanças causadas pelo novo coronavírus em todo o mundo. Nem só na Europa ou nos Estados Unidos, menos ainda é “direito” das minorias como no caso do Brasil ou apenas na América Latina ter a COVID-19: o vírus é para todos e foi uma circunstância criada por todos! Entretanto, ainda o que não pareceu

---

<sup>13</sup> “Se trata -como propone el lema de la Universidad Amautay Wasi- de “desaprender para aprender a aprender”, lo que requiere en primer lugar asumirse como colonizad@s, desarticulando el conocimiento adquirido en el orden acumulativo y reproductivo que se cree es único, válido y verdadero.” (PALERMO, 2014, p. 16).

ter ficado claro, quando se pensa mais nas “filosofias” e “pedagogias” das Américas – agora certamente coloco entre aspas com sentido bem diferente daquele até aqui discutido (pois considero as filosofias e pedagogias políticas dos desgovernantes desses lugares um deboche) – é que o vírus está diretamente associado às políticas de governabilidade (ou às despolíticas de desgovernança) dos lugares e das diferenças com as quais lidamos com a pandemia.

Do mesmo modo, certamente não ficou claro, os tais números também mostram isso, que menos ainda entende-se porque a morte de vários pela defesa da inexistência do vírus é o reforço do outro que é e continua sendo caracterizado pelo si mesmo! Pois, como ilustra a epígrafe aposta no início deste texto, o outro somente existe na configuração que o mesmo faz desse: “O rosto do homem se revela como outro quando se apresenta em nosso sistema de instrumentos como exterior, como alguém, como uma liberdade que interpela, que provoca, que aparece como aquele que resiste à totalização instrumental. Não é algo; é alguém.” (DUSSEL, 1982, p. 47). Entretanto, continua-se a acreditar na morte do outro como se não fosse ninguém. Como se o que morre não é semelhante a si porque é inscrito como outro da exterioridade que, por isso, deve ocupar a fronteira/marginalidade ou que “simplesmente” pode morrer.

Exterioridade que não tem o mesmo significado que para Hegel (já que em última análise, para o grande filósofo clássico tal exterioridade é interior à totalidade do ser, ou, por fim, da Idéia), quer indicar o âmbito onde o outro homem, como livre e incondicionado por meu sistema e não como parte de meu mundo, se revela. (DUSSEL, 1982, p. 47).

A escola e/ou a universidade não nos ensina a ser outro. Mas nos dá como única possibilidade ser o mesmo ou ser o outro colocado pelo mesmo. Quero dizer com isso que os saberes disciplinares que imperam por meio da

filosofia ou da pedagogia, mas também das demais Áreas do conhecimento disciplinares, não contemplam as diferenças coloniais pelo simples fato de que essas não foram pensadas e construídas para ser ou darem vez de voz àqueles que foram construídos como outros. As escolas e as universidades, certamente também os pensamentos filosóficos que ancoram as pedagogias dessas, na tentativa moderna de pensar o outro como sempre fizeram, ou as instituições que se pós-modernizaram na intenção de permissividade aos outros que consentem dar, do mesmo modo as fábricas de formação em que se tornaram escolas e universidades na contemporaneidade que tendem a cada vez mais contemplar ao mercado ao invés das corporeidades estão vinculadas a construção do Grande Mesmo representado na inferiorização do outro sempre.

Essas instituições de saberes, como deveriam ser pensadas aquelas que guardam os conhecimentos, “Enfim, a universidade e o museu são duas instituições chaves sobre as quais se fundou e se mantém a colonialidade do saber e da subjetividade” (MIGNOLO, *apud* LORCA, 2014, p. 3), primeiro porque continuam reproduzindo os mesmos conhecimentos construídos nas lógicas cartesiana, ontológica, fenomenológica e marxista de pensar, ser, sentir e saber para fazer arte, cultura e produzir conhecimentos. Segundo porque, quando muito, guardaram e ensinam e pensam sobre as diferenças coloniais como repertórios para o “estoque”, como objetos abstratos e para exemplificação de seus pensamentos cartesianos, ontológicos fenomênicos e capitalistas que estabelecem ao outro a semelhança que não é o mesmo.

A palavra reveladora do outro como outro primeiramente é uma palavra que se capta (compreensão derivada inadequada) na “semelhança”, mas que não se chega a “interpretar” pelo abismal e incompreensível de sua origem distinta. Tomemos alguns exemplos cotidianos para descobri-la como a palavra primeira e mais freqüente. A palavra reveladora erótica exclama: ‘Te

amo’, (quer seja mulher ou homem a um homem ou mulher). A revelação pedagógica pode indicar: ‘Filho, obedece-me’ (a mãe a seu filho). A revelação política pode dizer: ‘Tenho direito a receber um salário maior’ (um operário ao empresário). Nestes três níveis dá-se já todo o mistério da *analogia fidei* ou *verbi* com ‘distinção metafísica’. Queremos insistir no fato de que esta palavra não é somente a primeira palavra, mas a primeira experiência humana enquanto tal. No útero materno, vive-se já a alteridade, mas é no próprio momento do nascimento, no instante do parto (parir como aparição), no qual somos cobizados e acolhidos no outro e pelo outro, que já se apresenta como ‘falante’, A mãe diz: ‘Filhinho’. O médico exclama: ‘É uma menina’. O recém-parido, o a-parecido no mundo dos outros (ele mesmo ainda sem mundo), começa a formar seu mundo na com-fiança filial, e na obediência disciplinar ao outro: o mais-alto e, por isso, mestre do mundo. Esta palavra não é nem o signo ou conceito da ciência, nem o simbolismo como domínio operatório matemático, nem a palavra do neopositivismo de Wittgenstein, nem a linguagem performativa de Austin, nem a linguagem de auto-implicação (self-involvement) de Evans, nem o discurso ético de Ladrière (quando diz que ‘o homem é responsável por si mesmo como ser ecológico, e responsável ante si mesmo’). (DUSSEL, 1986, p. 204-205).

Na verdade, também, o que deve ser compreendido de tudo isso e que existiu e foi tentado a todo custo a-pagar dando um corpo de outro dado

pelo mesmo aos não-europeus, mas que re-existem ainda hoje mesmo que nas margens do cartesioanismo, da ontologia e da fenomenologia e também do materialismo marxista e igualmente da *biopolítica* foucaultiana, dentre outras epistemológicas modernas, pós-modernas e até das nominalmente alocadas de contemporâneas per-sistêmicas, foram pares iguais desses porém na perspectiva filosófica e pedagógica de ameríndios, africanos e de outros povos não reconhecidos como produtores de arte, como culturas e produtores de conhecimentos. Povos e civilizações interditas que tiveram seus corpos, almas e práticas artístico-culturais soterrados pelas filosofias e pedagogias antes elencadas que são vistas como melhores e que hoje usam da COVID-19 para literalmente enterrar os corpos daqueles e daquelas que se viam como descendentes dessas epistemológicas outras.

Pior, nos contextos em que imperam a ‘semelhança’ como igualdade para as diferenças, especialmente no caso do Brasil periférico e marginal em sentido literais das palavras, o outro que se vê como mesmo oprimido (na ceara de Paulo Freire (1967)) como se fosse o mesmo que veio oprimindo a este outro-si próprio. Logo, é possível dizer que nas escolas, academias, instituições acadêmico-disciplinares, nas revistas, editoras, fundações e autarquias, entre muitos outros lugares que dizem ser o outro o si-mesmo, corroboram a imagem do outro como semelhante aos si-próprios, uma hierarquia que assemelha o outro ao desprezível, abominável, descartável e até matável. Pois, de modo muito íntimo à lógica freiriana, pior oprimido é aquele que oprimido pensando ele ocupar o lugar do seu próprio opressor. Portanto, mais uma vez, no caso do Brasil a situação é pior em vista de muitos lugares que também ocupam a exterioridade pensando ocupar a interioridade daqueles projetos homogeneizantes, porque brasileiros sequer se veem como colonizad@s, para me referir à lógica de Zulma Palermo, mas não se vê como o próprio outro que ainda precisa se autodenominar de todxs, todes, tod@s etc. etc. etc.... que, pior ainda, não serão nunca o mesmo ou a mesma definidos pelos Grande Mesmo!

Por último, mas certamente não menos importante, aliás, pelo contrário, de importantíssima colocação nesta argumentação, apesar de tudo

isso que apresentei até aqui e que já fora apresentado em outras circunstâncias também fazer parte do atual cenário caótico da política brasileira e de várias partes do mundo. A situação parece vislumbrar uma luz ao final do túnel porque o caos vem se redesenhado com uma queda aqui outra ali, quase sutil, mais em evidência de quedas da extrema direita ultraconservadora na política mundial: antecedida pela vitória do presidente de esquerda na Argentina já em 2020, primeiro, agora, a eleição de um partidário de Evo Morales ao cargo de presidente na Bolívia. Hoje, nov. 2020, uma Vitória com “V” maiúsculo de Joe Biden para a Presidência concorridíssima nos Estados Unidos. O planeta parece estar esboçando um redesenho da situação caótica de extermínio das diferenças para uma de aceitação e permissividade, ao menos, aos direitos, as políticas, as diferenças. Ainda que não seja o ideal. Ao menos dos males o menor!

E o que tudo isso tem a ver com a arte, com culturas, a educação e a COVID-19, bem como se relaciona com os corpos e as almas e as práticas culturais das diferenças coloniais? Tudo! Afinal: o mundo vai deixar de ter um charlatão mentiroso defendendo inverdades sobre remédios e da doença causada pelo COVID-19; vamos deixar de ter o mentor da defesa das queimadas e desmatamentos, bem como deixaremos de ter o defensor da falsa ideia de que não há aquecimento global ludibriando o resto de tolos no mundo afora; vamos deixar de ter um carniceiro de mulheres que acredita na ideia de feminicídios consentido ou culposos; vamos acabar com a ideia de que a Educação deve ser castradora e corruptora das diferenças para permitir o extermínio de indígenas e afrodescendentes e latinos porque são diferentes; do mesmo jeito, vejo que a situação de derrota dos neoliberais e ultraconservadores estadunidenses e que certamente deve respingar nas despolíticas do mundo todo é o retorno de um corpo e de uma alma que convivem com a Natureza, contrariando a ideia estapafúrdia de que devemos dominar a Natureza e exterminá-la para sobreviver. Isso sim é um cenário desejoso de filosofias e pedagogias para a libertação das diferenças!

Estas, por conseguinte, permitirão até aos menos liberais e por isso mais conservadores opinarem em seus favores.<sup>14</sup>

#### Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Des)política para corpos-política na arte, na cultura e na educação. *Interritórios* - Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, V.6, N.10, 2020, p. 1-26. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/244891/34862>.

Acesso em: 31 out. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota e A Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos e a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020b.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Artevirus, Arte de Dentro de Casa e a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020c.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar *bio*-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas. *Cadernos de Estudos Culturais: Tendências Artísticas do Século XXI*. Campo Grande, MS. Editora UFMS, v. 1, n. 19, 2018, p. 59-84. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>. Acesso em: 14 jul. 2019.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Ensino de Artes X Estudos Culturais: para além dos muros da escola*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

---

<sup>14</sup> É bom que se diga ainda que minhas posições aqui não se colocam como reflexões filosófica, sociológica ou até mesmo cientificista moderna, pós-moderna ou ainda contemporânea de continuidades, não quero esses lugares pretensiosos; quiçá, talvez tudo isso tenha uma pretensa pedagógica *outra* porque sou um professor-artista-pesquisador na/da/a partir/com a diferença colonial que sempre habitou e habitará a exterioridade/fronteiridade ao pensamento hegemônico/homogeneizante/universal da SUPOSTA tradição.

DUSSEL, Enrique D.. *Método para uma filosofia da libertação*: superação analética da dialética hegeliana. Tradução Jandir João Zanotelli. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

DUSSEL, Enrique D.. *Filosofia na América Latina*. Filosofia da libertação. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LORCA, Javier. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução: André Langer. *Página/12*, 08 de setembro de 2014, p. 1-3. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148%ADo%ADcontrole%ADdos%ADcorpos%ADe%ADdos%ADsaber%ADentrevista%ADcom%ADwalter%ADMignolo?tmpl=component&print=1&page=>. Acesso em: 29 abr. 2016.

MIGNOLO, Walter D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Revista Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017, p. 12-32. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MIGNOLO, Walter D.. “Prefácio”. In: PALERMO, Zulma. *Para uma pedagogia decolonial*. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. (El desprendimento/Walter Mignolo), p. 7-9.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia. *Revista IXCHEL*. Volúmen I, San José, Costa Rica, 2009, p. 1-22. Disponível em: [http://www.revistaixchel.org/attachments/047\\_Habitar%20los%20dos%20lados%20art%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf](http://www.revistaixchel.org/attachments/047_Habitar%20los%20dos%20lados%20art%20Walter%20Mignolo.doc%29.pdf). Acesso em: 30 mai. 2013.

MIGNOLO, Walter D.. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. In: *Cadernos de Letras da UFF*: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n.34, 2008, p. 287-324. Disponível em:

[www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf) – acessado em: 08/07/2018.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. *Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 08 nov. 2020.

PALERMO, Zulma. *Para una pedagogia decolonial*. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. (El desprendimento/Walter Mignolo).

TARSIA, Rodrigo Dias. O calendário Gregoriano. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, vol. 17, nº. 1, 1995. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/rbef/pdf/vol17a06.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

*Submetido em: 09/11/2020*

*Aceito em: 27/04/2021*

*Publicado em: 12/05/2021*